



Data: 25.04.2020

Titulo: O novo tombo da Geração a Rasca

Pub: 



Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Nacional

Pág: 1;6;7

O novo tombo da Geração à Rasca P6

Área: 2244cm² / 57%

FOTO Titagem: 123.400

Cones: 4 Cones

ID: 6816574



Data: 25.04.2020

Titulo: O novo tombo da Geração a Rasca

Pub: **Expresso**

Tipo: Jornal Nacional Semanal

QuickCom
comunicação integrada

Secção: Nacional

Pág: 1;6;7

Emprego Depois da recessão de 2008, os jovens nascidos nos anos 80 e 90 voltam a enfrentar nova crise. Retratos de quem se tinha reerguido e voltou a ser puxado para a precariedade

O novo tombo da Geração à Rasca

Em dez anos estes jovens enfrentaram duas crises

Texto **BERNARDO MENDONÇA**
Fotos **ANA BAIÃO**

Foi com uma mensagem e uma fotografia chocante do seu frigorífico vazio onde apenas restava manteiga, uma embalagem de mostarda e dois iogurtes para alimentar-se a si e aos seus dois filhos que Cláudia, de 26 anos, pediu ajuda há duas semanas à Associação Nacional de Condutores de Animação Turística e Animadores Turísticos (ANCAT), que, por sua vez, alertou o Banco Alimentar e a associação Ajuda de Mãe.

Contratada a recibos verdes pela Câmara de Loures como guia de arte urbana no Bairro Quinta do Mocho, em Sacavém, “a maior galeria de arte urbana a céu aberto da Europa”, Cláudia está há três anos a dar a conhecer aos turistas as obras de Vhils, Bordalo II, Odeith, Slap, Tamara Alves, entre tantos outros. Para complementar o dinheiro da autarquia, fazia visitas privadas: €10 por pessoa, ou €18 com almoço incluído no restaurante africano da Tia Filó, “uma cozinheira de mão cheia que faz a melhor muamba, calulu ou cachupa da zona”. Logo no início de fevereiro, começou a ter as primeiras visitas guiadas canceladas. E quando o número alarmante de mortos provocados pelo novo coronavírus em Itália começou a contaminar as notícias e foram anunciados os primeiros casos de infeção em Portugal, no início de março, os *tours* acabaram de vez.

Se antes o dinheiro já era pouco, agora acabou, com a paragem súbita da atividade. A juntar às despesas fixas, Cláudia acumula dívidas. E passou de uma jovem em dificuldades a uma situação de miséria. “Estou a tentar viver e a saldar dívidas de telecomunicações, de um quarto que tive alugado,

Área: 2244cm² / 57%

Tiragem: 123.400

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6816574



Data: 25.04.2020

Título: O novo tombo da Geração a Rasca

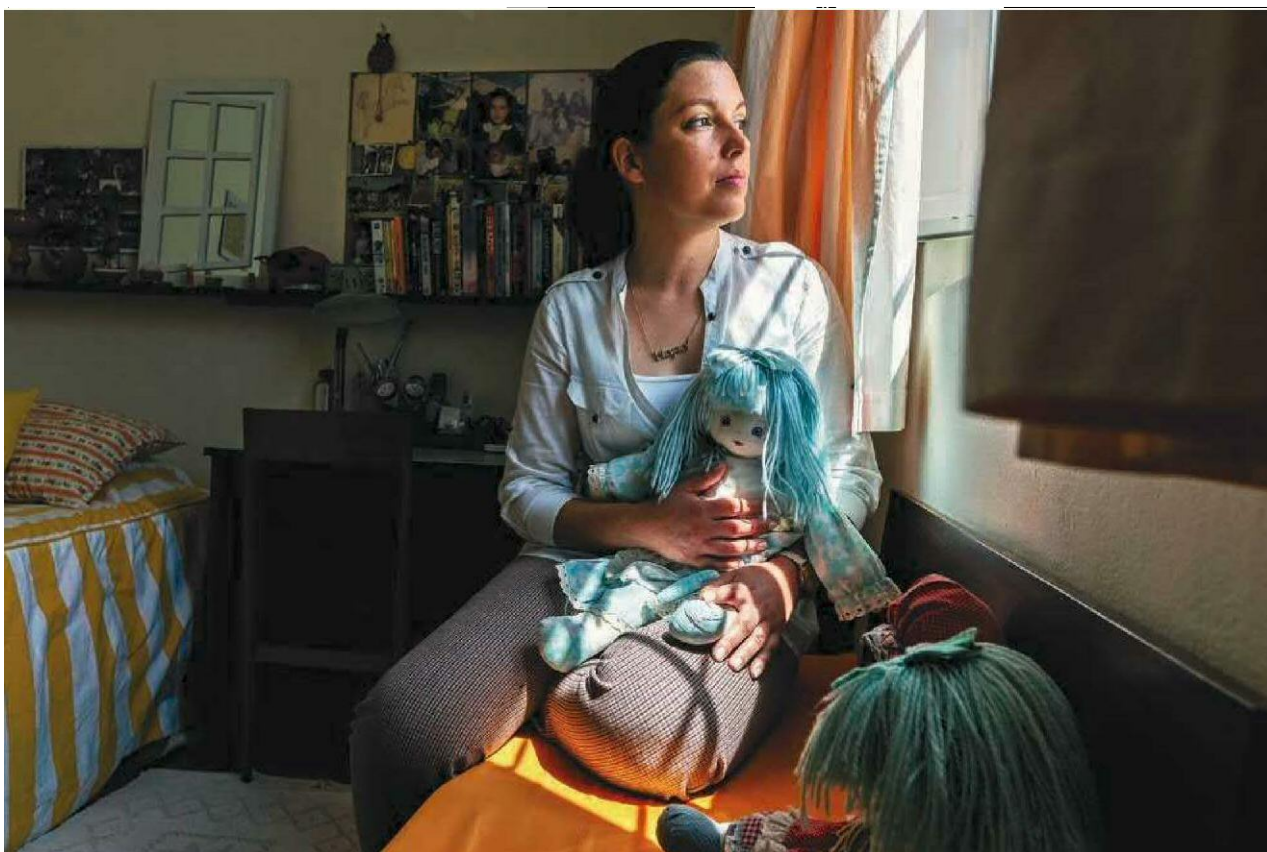
Pub: **Expresso**



Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Nacional

Pág: 1;6;7



10.600

é o número de novas famílias que, desde o início da pandemia, preencheram o formulário a pedir ajuda na Rede de Emergência Alimentar, estruturada pelo Banco Alimentar Contra a Fome

292,60

euros foi o valor pago em abril pela Segurança Social aos trabalhadores independentes com quebra total de atividade por causa da covid-19



Área: 2244cm² / 57%

FOTO Titragem: 123.400

Cores: 4 Cores

ID: 6816574



Data: 25.04.2020

Título: O novo tombo da Geração a Rasca

Pub: **Expresso**

Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Nacional

Pág: 1;6;7



à segurança social. Não desejo isto a ninguém. E nem sei se a Câmara me vai continuar a pagar.”

Cláudia começou a procurar emprego em 2011, no mesmo ano em que milhares de jovens saíram à rua, nos célebres protestos da “Geração à Rasca”, ocorridos a 12 de março, a maior manifestação não vinculada a partidos políticos desde a Revolução dos Cravos, que foi um grito de revolta contra a precariedade, os salários baixos e a falta de oportunidades de uma geração que estava então a entrar no mercado de trabalho. Cláudia sofreu isso tudo.

Na altura, começou a servir às mesas em hotéis. Recebia 5 euros à hora. Se trabalhasse durante a madrugada, pagavam-lhe 7. “E como o dinheiro era pouco, para ganhar mais acumulava turnos e não ia à cama.” Aguentou o “ritmo louco” durante cinco anos, até lhe ter sido diagnosticada uma anemia grave. Depois de se restabelecer, decidiu mudar de vida e foi aí que o seu bairro lhe passou a garantir o sustento, aproveitando o *boom* de turismo que nos últimos anos permitiu a retoma e impulsionou a economia nacional. O lugar antes associado a crimes, drogas e violência, onde até os taxistas se recusavam a entrar, transformara-se numa referência internacional de arte urbana.

**FOI COM UMA
MENSAGEM E UMA
FOTOGRAFIA CHOCANTE
DO SEU FRIGORÍFICO
VAZIO QUE CLÁUDIA
DEU O ALERTA
E PEDIU AJUDA**

Mas os turistas partiram com a mesma velocidade com que o vírus chegou. E Cláudia não teve outra alternativa senão pedir ajuda. Foi para realidades como esta que o Banco Alimentar (BA) criou a rede de emergência. E se em fevereiro eram alimentadas 380 mil pessoas, os números agora dispararam. “Cerca de 10.600 novas famílias já preencheram o formulário a pedir ajuda. Se pensarmos que cada uma dessas famílias é constituída por três, quatro ou cinco pessoas, talvez existam mais 50 mil pessoas a pedir ajuda. Várias delas da “Geração à Rasca”. E isto é só o começo”, alerta Isabel Jonet, presidente da Federação de Bancos Alimentares.

“Esta crise está a afetar mais os que não tinham relações laborais estáveis, que não tinham contratos formais com empresas, os recibos verdes e os que pertencem à economia informal. Não há *lay-off* para estes”, diz.

O duplo azar de geração

A geração que estava a entrar no mercado de trabalho na enorme recessão que teve início em 2008 enfrenta agora, novamente, uma crise económica e desta vez ainda maior. Os que, nos últimos anos, tinham finalmente conseguido reerguer-se, muitos a reboque do turismo, voltaram, sem aviso, a ser puxados para a precariedade e a miséria. João Cerejeira, economista e professor na Universidade do Minho, alerta para o azar desta geração. “Os estudos indicam que há uma queda de 10% no valor do salário para quem se gradua e entra no mercado de trabalho numa época de crise, em relação aos que se diplomam noutras alturas. E leva em média uma década a recuperar essa diferença, o chamado *catching up*. O que quer dizer que quando esta geração estava a chegar a um ponto de recuperação surgiu esta crise.”

O futuro já está comprometido. “Esta geração vai ter reformas mais baixas. Por terem tido salários mais baixos e

passado por vários períodos de desemprego e de intermitência, o que criou carências contributivas.”

O sociólogo e investigador do Instituto de Ciências Sociais (ICS) da Universidade de Lisboa, Vítor Sérgio Ferreira, chama a atenção para as expectativas goradas destes jovens, que aspiravam a uma maior estabilidade no trabalho, “que é dos valores que todas as gerações mais prezam”. E nota que o estatuto de adulto está a mudar e passou a ter características atribuídas aos jovens, como a incerteza e a insegurança profissional. “Esta pandemia veio acentuar a precariedade que define esta geração.”

O especialista aponta que uma das condições desta geração é a reversibilidade. “Quando as pessoas saem de casa dos pais, a norma social é não voltarem. Mas isso está a acontecer com frequência nesta geração porque as condições de autonomização estão diminutas.” E agora ficaram ainda mais.

Aos 35 anos, Joana Paredes não imaginava voltar de novo a viver em casa da mãe e ao quarto de infância, em Alcácer do Sal, onde ainda restam bonecas dos tempos de menina. Mas a crise trocou-lhe as voltas... mais uma vez. Em 2009 licenciou-se em Biologia com especialização em antropologia biológica, mas esbarrou com “um choque de realidade pela enorme falta de oportunidades” na área. Ainda chegou a trabalhar em escavações arqueológicas, em Évora, “não recebia mal, eram cerca de €1200 mensais”, mas ficava demasiados meses sem trabalho e tinha que esticar esse dinheiro para pagar as despesas e o quarto que alugava.

Por não conseguir subsistir, em 2011, no auge da crise económica no país, mudou de atividade e iniciou-se no mundo dos *call centers*. Passou a receber €600 na área de apoio ao cliente. “Mal dava para pagar a comida e o quarto que estava a alugar. Vivía a contar cêntimos.” Depois passou por uma empresa de *vouchers* para atividades turísticas, que lhe rendia €700 por mês, mas cansada dos

Área: 2244cm² / 57%

Tiragem: 123.400

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6816574



Data: 25.04.2020

Título: O novo tombo da Geração a Rasca

Pub: **Expresso**

Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Nacional

Pág: 1;6;7



baixos rendimentos emigrou em 2017, para Berlim, tornando-se assistente de bordo. O salário oscilava entre os €800 e os €1200. Mas o apelo para regressar ao seu país fê-la aceitar um contrato com uma *low cost*, com base em Lisboa.

No final do ano passado a companhia dispensou-a “temporariamente”, mal o contrato terminou. A ideia era que ficasse uns meses a viver do subsídio de desemprego e voltariam a chamá-la em fevereiro, quando começasse a haver mais voos. Mas por burocracias entre países, não recebeu o subsídio e a chegada da covid-19 deu-lhe um bilhete só de ida para Alcácer do Sal, onde foi morar com a mãe, que a ajuda com a reforma. “Voltei atrás na minha independência e o dinheiro de reserva está a acabar.”

Joana passa os dias ao computador a candidatar-se a serviços de apoio ao cliente. “Até agora apenas recebi uma resposta, negativa. Sinto-me frustrada.” O maior desejo? “Ter uma casa só para mim onde pudesse ter um cão. Sempre aluguei quartos.”

O facto de muitos destes jovens terem terminado o curso numa altura de crise, como Joana Paredes em 2009, fez com que ingressassem no mercado de trabalho em empregos abaixo das suas qualificações, lembra o economista João Cerejeira. E o problema é que muitos dos que se conseguiram final-

ESTA GERAÇÃO VAI TER REFORMAS MAIS BAIXAS, POR TEREM TIDO SALÁRIOS MAIS BAIXOS E PASSADO POR DESEMPREGO E INTERMITÊNCIA



Área: 2244cm² / 57%

Titragem: 123.400

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6816574



Data: 25.04.2020

Titulo: O novo tombo da Geração a Rasca

Pub: **Expresso**

QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Nacional

Pág: 1;6;7



25.04.20 07:13

Área: 2244cm² / 57%

FOTO Titragem: 123.400

Corres: 4 Cores

ID: 6816574



Data: 25.04.2020

Titulo: O novo tombo da Geração a Rasca

Pub: **Expresso**

Tipo: Jornal Nacional Semanal



Secção: Nacional

Pág: 1;6;7

RETRATOS Da esquerda para a direita: A assistente de bordo Joana Paredes retratada no quarto de infância onde voltou a morar, em Alcácer do Sal; em baixo, a artista de artes performativas Joana Castro na sua sala, no Porto; na foto do meio, a guia turística de arte urbana, Cláudia Barros, junto com os dois filhos, Alexandre e Luna; em baixo, o casal João Silva e Joana Oliveira, condutores de *tuk-tuk*

10
é a média de anos que demora a recuperar os 10% de quebra no rendimento de quem começa a sua atividade profissional numa altura de crise económica

mente aproximar da área para que se formaram já chegaram tarde demais. “É difícil começar uma carreira aos 30, 35 anos”, diz.

Um mestrado e um *tuk-tuk*

Foi numa empresa que geria as situações de bagagens danificadas nas viagens que Joana Oliveira, de 29 anos, e João Silva, de 30 anos, se apaixonaram. “Na época ganhávamos pouco, cerca de €700”, conta Joana. E, depois de algumas mudanças profissionais, decidiram apostar no turismo e na condução de *tuk-tuks*, em Sintra. Em 2016, com a ajuda dos pais compraram um veículo próprio, por €5500. E quando as suas finanças pareciam finalmente prosperar — nos meses de verão ganham juntos €2500 — esta crise atirou-os para fora da estrada e do mercado.

De momento têm o *tuk-tuk* arrumado numa garagem, aguardam a resposta ao pedido de subsídio à Segurança Social por terem tido uma quebra total de atividade, e estão em busca de emprego. “Que futuro? Vejo-me a trabalhar num supermercado”, desabafa Joana, que tem um mestrado em Turismo e Gestão de Eventos.

A par dos que trabalhavam na área do turismo, os artistas são dos que mais estão a sofrer com esta crise. A 10 de março, apenas dois dias antes da estreia do espetáculo MINA, de Carlota Lagido, no Teatro São Luiz, a coreógrafa e artista de artes performativas Joana Castro, e o restante elenco, foram informados do cancelamento desta criação no contexto das restrições impostas pelo combate a esta pandemia. E, tal como todos os profissionais da área, viu todo o trabalho que tinha programado para a frente cair, como um baralho de cartas: *workshops*, formações, estreias e reposições de outros espetáculos. E passou a viver do pouco dinheiro que tinha guardado e que lhe permite viver até junho. E depois?



€736

é o atual salário médio mensal líquido dos trabalhadores por conta de outrem, com ensino superior e até aos 24 anos. Uma quebra de 17% face a 2008 e isto sem o impacto da pandemia

343.761

é o número de pessoas inscritas nos centros de emprego. O desemprego registado aumentou 9% face a fevereiro. Espera-se um aumento mais acentuado nos próximos meses

Área: 2244cm² / 57%

Tiragem: 123.400 FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6816574



Data: 25.04.2020

Titulo: O novo tombo da Geração a Rasca

Pub: **Expresso**

Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Nacional

Pág: 1;6;7



“Todas as apresentações que tinha previstas até lá estão canceladas, mas em vias de reagendamento para 2021. O problema mais urgente é saber do que vou viver até acontecerem. O novo decreto de lei obriga ao pagamento de, no mínimo, 50% das atividades canceladas ou adiadas, o que muitas entidades nem sequer estão a cumprir. Mas como sobrevivemos com 50% dos rendimentos em 2020, e 50% dos rendimentos em 2021? Comemos metade agora e outra metade no próximo ano? Pagamos metade das contas agora e metade das contas no próximo ano?”, questiona.

A jovem, de 32 anos, recorda como é a vida precária da maioria dos artistas no país. “Como vou recebendo em fatias os valores dos trabalhos, estou constantemente a fazer contas de cabeça, de quanto recebi nos meses anteriores e até quando precisarei desse mesmo dinheiro para viver nos meses seguintes. Se quero tirar um tempo para descansar, para férias ou simplesmente para me organizar, tenho de ter dinheiro de parte para o fazer, porque não tenho subsídio de desemprego ou de férias.”

Consciente da dificuldade que muitos outros profissionais das artes estão a passar, sem meios para garantir a alimentação e habitação, e já que “os apoios do Estado não vão ser suficientes, nem vão chegar a todos”, Joana e outros colegas partilharam nas redes sociais uma folha de Excel de ajuda direta, sem intermediários. Cada pessoa que puder ajudar alguém deverá colocar o nome, o contacto e o valor que quer doar. “Acabo de disponibilizar 15 euros para as compras de alguém e aguardo que me telefonem.” Joana planeava estrear hoje, dia 25 de Abril, a sua nova performance “Darktraces”, numa praça do Porto, integrada no Festival Dias da Dança. “Seria por isso uma revolução na rua, que é onde esta deve acontecer. Se não me é possível fazer com um grupo de pessoas, farei sozinha na varanda de casa.”

bmendonca@expresso.impresa.pt

COMO VAI SER O 25 DE ABRIL

GRÂNDOLA À JANELA

Às 15h, o 46º aniversário da Revolução dos Cravos é assinalado não com os tradicionais desfiles de rua, mas à janela de casa e a cantar ‘Grândola, Vila Morena’ — a canção de Zeca Afonso, usada como uma das senhas do 25 de Abril —, seguida do Hino Nacional.

FESTIVAIS ONLINE

Abril no Bairro é o evento *online* que vai juntar cantores e bandas como Blind Zero, Joana Alegre, Jorge Palma, Pedro Moutinho, Rui David, The Happy Mess, Vicente Palma e Zeca Medeiros. Sob o mote “8 artistas, 8 canções”, cada convidado vai interpretar uma canção original, preparada especialmente para esta data. As sessões podem ser vistas entre as 21h30 e as 22h15, nas páginas de Facebook de cada cantor. O Festival Liv(r)e, por sua vez, realiza-se a 24, 25 e 26 de abril, às 21h30 (e uma emissão especial no sábado, às 17h30), junta 12 artistas, de vários pontos do país, e pode ser visto na página de Facebook de A Música Portuguesa a Gostar Dela Própria. Pode ver uma lista mais completa de concertos no [site BLITZ](#).

CORRIDA PELA LIBERDADE

A tradicional corrida que todos os anos liga o quartel da Pontinha aos Restauradores, no coração de Lisboa, é substituída pela “Corrida Pela Liberdade”. A Xistarca aceitou a inscrição de todos os que queiram correr 5 km “na varanda, na garagem, terraço ou jardim de casa”. Os vencedores podem escolher a quem doar as tradicionais *t-shirts* de participação.